Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano • XII • N. 353 • Uberaba/MG • setembro de 2009

UNIUBE

JORNALISMO

Desafios e oportunidades de uma profissão em transformação

issuu-downloader.com

Sobre jornalistas, cirurgiões e cozinheiros

Aírton José de Souza
2º período de Jornalismo

Carlos Roberto Alves Júnior, 2 período de Publicidade e Propaganda

Jornalistas foram comparados a cozinheiros. Não que aqueles sejam superiores a estes; apenas usam temperos diferentes. E se a comida não tem sabor, fica presa na garganta. Também a informação contida nos textos pode ser indigesta, caso não seja devidamente preparada. Um bom articulista, formado nas academias e no cotidiano é capaz de trazer as informações, mesmo as mais difíceis de serem digeridas, de maneira que todos possam assimilá-las e saboreá-las. E os cirurgiões, o que fazem entre jornalistas e cozinheiros? Não temperam, não servem mesas, não articulam, exceto os que se aventuram, como Pitangui, em textos sobre as descobertas na área da medicina estética. Podem inclusive chegar à Academia Brasileira de Letras.

É inegável que muitos deles dão o mesmo tratamento ao texto que aos corpos monumentais os quais se tornam ainda mais imponentes quando passam pelas suas mãos. Não se dispensa o cirurgião do diploma para exercer o seu ofício, embora não se exija um quando se atrevem a escrever. Bons escritores podem se formar sem nunca terem passado por uma Universidade, bem como um cozinheiro pode aprender a preparar as mais finas iguarias, dispensando para isso um diploma. Mas não se dispensa o saber, e muitas das vezes ele se encontra onde certamente lhe concederão um certificado ao final de seu percurso de estudos. Não se dispensa a ética de que os mais afinados com o seu trabalho farão uso, já que aprenderam a conhecer suas competências.

Os cirurgiões são escultores de corpos, fazem cortes precisos, da mesma forma que os escritores também cortam com precisão, tirando a acidez do texto, produzindo beleza e, os cozinheiros, bem, estão sempre cortando. Faz parte de sua arte. E se as habilidades adquiridas vêm acompanhadas de algo que as certifique, por que dispensar essa prova? Ou será que tatearemos em searas desconhecidas até encontrar alguém que faça essas tarefas? Os cirurgiões certamente não baterão em nossas portas nos propondo cirurgias, os bons cozinheiros estarão à nossa espera nos melhores restaurantes e os jornalistas, pelo menos aqueles a quem podemos chamar assim, estarão em busca de informações e, depois, basta ver as manchetes do dia seguinte e, se o leitor não ficar indiferente, terão cumprido seu dever.

Um bom articulista, formado nas academias e no cotidiano é capaz de trazer as informações, mesmo as mais difíceis de serem digeridas, de maneira que todos possam assimilá-las e saboreá-las.

Desafios à qualidade da informação

Paulo Borges
6º período de Jornalismo

Desafio. Eis uma palavra constante no exercício da profissão jornalística. E não é de agora. Exercer o jornalismo, com ou sem obrigatoriedade de diploma, sempre exigiu atenção, faro, disponibilidade, coragem e formação.

Claro, não podemos deixar de lembrar que a profissão passa por um momento difícil. Após a decisão dos nossos Supremos Juízes em derrubar a obrigatoriedade da formação acadêmica, muitos profissionais, estudantes e vários segmentos da sociedade demonstram preocupação com o futuro do jornalismo nacional. A grande inquietação é mesmo em relação à qualidade da notícia, da informação – a qualidade (ou falta dela) do jornalismo.

E, como o jornalismo vive e cresce em meio aos desafios, essa é a bola da vez! Mais do que direcionar suas atenções para o fato da não exigência do "canudo", os profissionais e a sociedade devem estar atentos à forma como as notícias estão entrando nos lares brasileiros, seja por meio da TV, Rádio, Jornais ou Internet. Não importa tanto qual é a mídia, mas, isto sim, a qualidade da informação.

Agora, ao contrário do que está acontecendo em muitos lugares, é a hora de o curso ser valorizado. A técnica, a pesquisa e a formação adquiridas na academia são imprescindíveis. Um aluno de Comunicação tem a oportunidade de discutir ideias com mestres e grandes autores da área, aprendendo e ensinando um pouco mais.

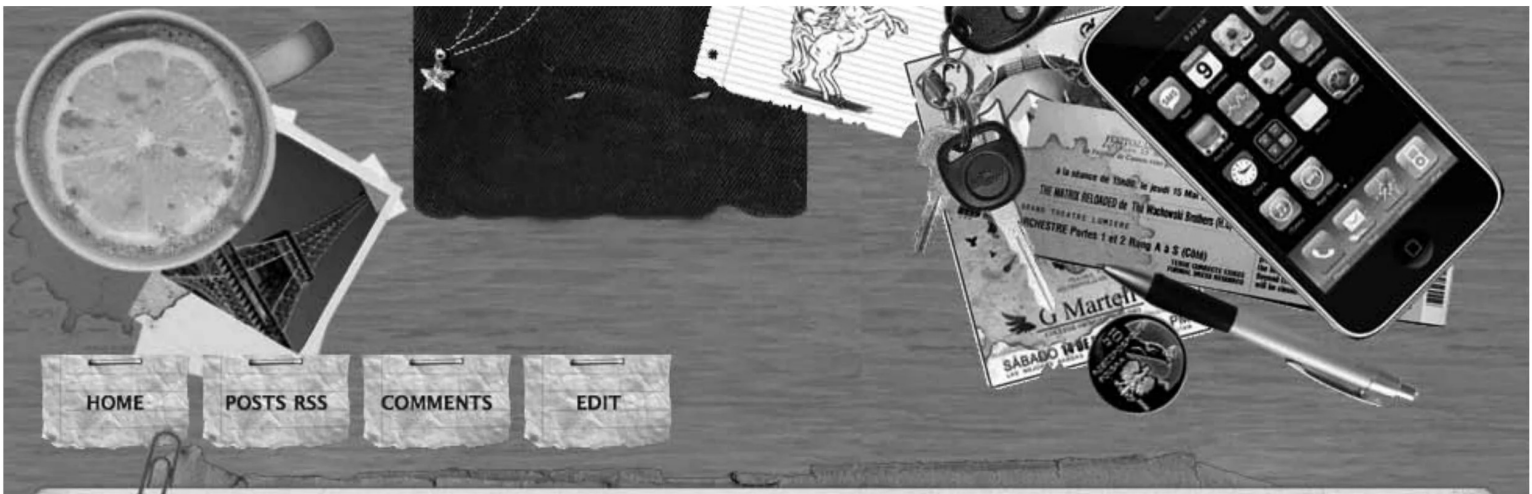
O assunto não se resume ao momento em que as empresas escolherão entre um profissional diplomado ou um de carreira. Vai mais longe. Um jornalista de carreira foi formado pelo mundo, o que é muito bom. No entanto, o aluno das escolas de comunicação está sendo formado, através de estágios e trabalhos extra-curriculares, pelo e para o mundo.

O grande desafio do jornalismo é ser muito mais do que um distribuidor de notícias. Isso, os blogueiros fazem muito bem e com eficiência. O que deve ser valorizado e exigido dos profissionais é o tratamento da notícia como um bem comum e não só como um produto perecível. O diploma se vai, os jornais se rasgam, rádios, computadores e televisões serão desligados, mas, a informação de qualidade fica e forma um mundo melhor.

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• Professora orientadora: Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• Estagiária: Camila Cantóia (7º período/Jornalismo) ••• Equipe: Gabriela Borges (4º período/Jornalismo) e Júlia Magalhães (2º período/Jornalismo) ••• Revisão: Márcia Beatriz da Silva ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• Redação: Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• Telefone: (34) 3319 8953 ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com



Curso de Jornalismo da Uniube completa 52 anos com vitalidade renovada

Bárbara Guilherme
Natália Alberto
Ilídio Luciano
4º período de Jornalismo

A autorização do Ministério da Educação é datada de 1957, quando o curso de Jornalismo ainda era oferecido pelas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (Fista). Em 1981 a instituição dos dominicanos foi incorporada pelas Faculdades Integradas de Uberaba (Fiube), criadas por Mário Palmério. Em 1988 a Fiube se tornou a Universidade de Uberaba (Uniube) e ampliou os cursos oferecidos. Neste período, o curso de Jornalismo funcionou ininterruptamente.

No decorrer de cinco décadas, o Jornalismo passou por diversas transformações. O interesse por essa trajetória levou o aluno Josuá Barroso se interessar pela pesquisa dessa memória em seu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ele acredita que dois fatores marcaram o percurso: a revolução da tecnologia, que acarretou a praticidade de fazer Jornalismo, e quando, em 1998, Edvaldo Pereira Lima, assumiu a direção da Comunicação da Uniube, implantando uma narrativa jornalística mais humanizada, por meio do Jornalismo Literário.

Bruno Augusto

Na sala L18 (bloco L) da Uniube funcionam as mídias impressas do Curso de Comunicação Social

André Azevedo da Fonseca foi aluno, professor e recentemente assumiu a coordenação do curso de Comunicação, sucedendo Raul Osório. Estudioso de Paulo Freire e atento às inovações pedagógicas e às novas tecnologias, o novo diretor estimulou a criação e a reformulação dos projetos, convidando todos os alunos para participar mais das atividades do curso. "O objetivo é entusiasmar os estudantes para fortalecer nossa identidade, favorecer o espírito de iniciativa e estimular um clima de autonomia entre os universitários", conta Fonseca.

Novos projetos

Os tradicionais jornal-laboratório *Revelação* e o programa de TV *Fábrica*, ambos produtos experimentais usados para aprendizagem do aluno, estão sendo reformulados com a participação direta de alunos. Uma outra equipe está trabalhando para criar o Portal da Comunicação no Wordpress.

Além disso, novas experiências são testadas. As produções em rádio estão sendo veiculadas em podcast (http://radiouniube.podomatic.com), o programa Fábrica será disponibilizado no YouTube (www.youtube.com/programafabrica) e toda a produção do Festival do Minuto também estará disponível on-line (www.youtube.com/minutouniube). Através de parcerias com as rádios, alunos estão veiculando programas criativos, como o Sarapatel Musical, na Rádio Uberaba (http://sarapatelmusical.podomatic.com); e a História da MPB, na Rádio Universitária (em breve).

Por fim, há os projetos que já estão em pleno desenvolvimento. Depois de dez anos, a produção do *Pôr no Mural* foi retomada, levando informação sobre todos os cursos nos murais do Campus Aeroporto. O *Conecta* é uma newsletter destinada à veiculação dos projetos e eventos realizados pela Comunicação para todos alunos e ex-alunos da instituição. Para receber o informativo, basta enviar um e-mail para conecta@uniube.br com o assunto: "cadastrar".

O Curso da Uniube é o mais antigo de Minas Gerais e tornou-se uma referência de ensino em toda a região.

No espaço do Campus, o Sexta'n Roll (http://sextanroll.blogspot.com) traz música das bandas locais, toda sexta-feira, às 18h, na praça do bloco da Comunicação. Na área de cinema, o *Cineclube Uberaba* (http://cineclubeube.blogspot.com) e *Comunica.doc* exibem filmes e documentários de qualidade aos alunos. Abrangendo as artes cênicas, alunos dos primeiros períodos estão montando um grupo de teatro. O grupo de estudo em Comunicação e Imaginários Sociais (http://imagicom.blogspot.com) já conta com alguns trabalhos publicados em congressos nacionais.

Um dos principais projetos em desenvolvimento é a Blogosfera da Comunicação (http://blogosferadacomunicacao.blogspot.com). (A propósito, o layout desta página é uma referência à blogosfera.) Para cada disciplina, há um aluno representante e um blogueiro. O representante é a voz da turma e cuida para que aluno, professor e coordenação estejam diretamente ligados. O blogueiro é responsável por disponibilizar no blog da disciplina o material trabalhado em sala de aula, de modo que o aprendizado continue virtualmente. Esses dois projetos já têm, ao todo, 128 alunos envolvidos.

"Nosso diferencial está na formação de um aluno com perfil empreendedor, espírito de iniciativa e habilidade nas novas tecnologias. Queremos formar estudantes comprometidos com as três linhas de pesquisa do curso, que são: responsabilidade social, cultura e memória, e comunicação e educação", conclui o diretor.

issuu-downloader.com

Novos tempos para o jornalismo

Arquivo Jornal da Manhã

Há 25 anos, Marilu Teixeira é jornalista diplomada e defende a relevância da formação superior

Com o fim da exigência, passa a integrar uma extensa lista de países onde a formação superior não é mais obrigatória ao exercício profissional. Na Argentina, nunca existiu a obrigatoriedade da formação. Na Inglaterra, na Escócia, no País de Gales, nas duas Irlandas e na maior parte dos países da Europa continental, também não é exigido diploma. Mas isso não impede estes países de contarem com excelentes faculdades de Jornalismo.

Carollina Resende
4º período de Jornalismo

Mais de dois meses após a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal), várias discussões já ocorreram. A Fenaj (Fundação Nacional dos Jornalistas) acompanha os dois PECs (Projetos de Emenda à Constituição) propostos pelo deputado federal Paulo Pimenta (PT-RS) e pelo senador Antonio Valadares (PSB-SE), além do Projeto de Lei do deputado federal Miro Teixeira (PDT-RJ), que pedem a volta da exigência do diploma de jornalismo.

A polêmica continua. A audiência realizada em 26 de agosto, convocada pelas comissões de Ciência e tecnologia e de Educação e Cultura da Câmara, com o intuito de discutir a regulamentação da profissão de jornalista, não contou com a presença do presidente do STF, Gilmar Mendes.

Na ocasião, o presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Cezar Britto, defendeu a regulamentação da profissão para garantir a qualidade técnica e ética no jornalismo. A presidenta da Comissão de Educação e Cultura da Câmara, deputada Maria do Rosário (PT-RS), também se mostrou favorável à exigência do diploma. Até o momento, o Senado aprovou a realização de outra audiência sobre o tema, porém sem data definida para ocorrer.

Vigente desde a ditadura militar, com a edição do decreto-lei nº972, de 1969, a exigência do diploma para o exercício profissional foi "derrubado", com oito votos a favor e um contra, em junho deste ano. Na ocasião, o presidente do STF justificou que jornalistas são pessoas que se dedicam profissionalmente ao exercício da liberdade de expressão e que essas atividades não podem ser pensadas e tratadas de forma separada. Ele entende que a exigência do diploma em Jornalismo restringe a liberdade de expressão.

O presidente do Sindicato de Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Aloísio Morais, relata que a não obrigatoriedade do diploma é um retrocesso porque permite que pessoas desqualificadas e sem compromisso com a ética entrem no mercado para exercer a profissão em proveito próprio e não em benefício da sociedade.

Quanto aos veículos e à exigência de diploma para a contratação, Aloísio afirma que as empresas sérias, que visam à qualidade da informação, vão continuar contratando diplomados porque sabem que estarão lidando com pessoas qualificadas, comprometidas e com boa formação para o exercício da profissão.

Nova realidade

Jornalista e docente do curso de Comunicação da Universidade de Uberaba (Uniube), Celi Camargo afirma que a decisão pouco abala a estabilidade dos profissionais diplomados. Para ela, o que muda é o ensino, que deve ser aprimorado para que o aluno saia com diferencial competitivo.

"Essa medida representa uma perda, é negativa, mas certamente encontraremos saídas, novos caminhos para a situação. A união da categoria e a reestruturação dos cursos se tornam muito importantes nesse momento", enfatiza Celi.

Jornalista formada há 25 anos e ainda atuando no mercado de trabalho, Marilu Teixeira acredita o Jornalismo sai perdendo com a queda do diploma. "A qualidade dos materiais produzidos tende a cair. A faculdade é muito importante, principalmente pelo aprendizado do código de ética profissional e das técnicas exigidas para exercer a profissão", acrescenta Marilu, que atualmente ocupa o cargo de editora no Jornal da Manhã.

Ela comenta a respeito do mercado de trabalho. "Se persistir essa decisão, os jornalistas diplomados podem perder direitos trabalhistas, ter redução no teto salarial e mais dificuldades em conseguir empregos," finaliza Teixeira.

Para Daniela Brito, jornalista formada e profissional contratada do Jornal de Uberaba, a decisão do STF foi decepcionante. "Acredito que a decisão pode até ser revertida, mas não se pode confundir liberdade de expressão com produção de matérias jornalísticas. Fazer uma matéria não é o mesmo que escrever uma redação para um concurso de vestibular. É preciso apurar, ouvir os envolvidos na notícia e seguir as técnicas jornalísticas para que não paire dúvidas para o leitor", afirma Brito.

Daniela diz que os empresários de comunicação devem ter discernimento para escolher profissionais com conhecimentos técnicos. "Lidamos com a formação da opinião. Levamos a notícia para o público com muita responsabilidade. Com a informação, formamos a opinião; esta é a função do jornalista. Uma saída é um movimento para fortalecimento da classe e valorização do diploma. Temos que ir à luta", completa a jornalista.

A jornalista Daniela Brito sugere o fortalecimento da classe

issuu-downloader.com

Empresas ainda preferem jornalistas diplomados

Alex Batista Rocha e
Danilo Cruvinel
4º período de Jornalismo

O número de jornalistas registrados no Brasil chega a 80 mil, segundo levantamento da Fenaj (Federação Nacional de Jornalismo). Em Minas Gerais, somam 10 mil e, destes, 3120 são sindicalizados. Segundo o SJPMG (Sindicato de Jornalistas Profissionais de Minas Gerais), o estado tem várias escolas de Comunicação, formando centenas de novos jornalistas por ano. Em Uberaba, só nos últimos três meses, oito profissionais - quatro diplomados e os outros não - requereram o registro de jornalista no Ministério do Trabalho.

A queda do diploma ainda não não deixou o mercado de portas abertas para todos. Os principais veículos de comunicação de Uberaba mantêm a opção de contratar apenas profissionais diplomados.

O proprietário do Jornal de Uberaba, Fabiano Fidélis, esclarece que o único profissional não diplomado do jornal é natural de uma cidade onde não havia centro universitário. "Ele requereu o registro como provisionado e está na empresa há 15 anos", comenta Fidélis.

Segundo ele, o jornal pretende contar com profissionais que possuem a teoria adquirida na faculdade aliada ao *felling* jornalístico. "O jornalista precisa ser criativo e ter vocação para a profissão. Não adianta estar na faculdade por estar. Precisa ser ágil, sucinto e principalmente saber ouvir, sem esquecer-se de perguntar. O bom profissional se aprimora sempre".

Arquivo pessoal

Fabiano Fidélis assegura que o Jornal de Uberaba prefere jornalistas diplomados e com felling jornalístico

O pensamento do diretor de Jornalismo da Rede Integração - afiliada da Rede Globo, Paulo Eduardo Monteiro, não é muito diferente. "Não é um pensamento da empresa que o diploma faça o jornalista, porém é certo que faz um profissional melhor. O diploma de jornalista é dispensado quando a vaga em questão não exige diretamente o trabalho de levantamento e apuração de notícia, como cinegrafia, edição de imagem."

JP/MTB

As siglas determinam o registro profissional de jornalista, que é obtido junto às superintendências regionais do Trabalho, ou seja, aos órgãos regionais do Ministério do Trabalho , em cada estado, com anuência do Sindicato dos Jornalistas.

Para o requerimento são necessárias: duas cópias do diploma ou do certificado de conclusão do curso (devendo, nesses últimos, constar a data de colação de grau em tempo passado, ou seja, no ato da solicitação do registro o interessado já deve ter colado grau); duas cópias da carteira de trabalho, página da foto frente e verso; duas cópias da carteira de Identidade e CPF; e carteira de trabalho (original). Vale citar também o preenchimento dos seguintes documentos: Carta ao delegado regional do trabalho da DRT (MG); Declaração Penal e Carta à diretoria do Sindicato.

Porém, o presidente do SJPMG, Aloísio Morais, e o Ministério do Trabalho esclarecem que a Fenaj, os sindicatos e a categoria aguardam a publicação do acórdão do STF, que irá definir como vão trabalhar com esta nova realidade.

O estágio

O estágio é proibido, conforme consta na regulamentação profissional, mas a Fenaj coloca a questão em discussão e elabora uma nova determinação que autoriza a atividade. Segundo o SJPMG, o texto de regulamentação preparado pela federação está praticamente pronto e possivelmente será votado no Congresso Nacional dos Jornalistas, programado para 2010, em Porto Alegre.

Na região, existe a contratação de estagiários por parte das empresas citadas. O Jornal de Uberaba tem três, o Jornal da Manhã seis e a Rede Integração cinco (dois em Uberlândia, um em Uberaba, um em Divinópolis e um em Araxá). "A regulamentação pode se dar, no caso do interior de Minas, na negociação do sindicato com cada empresa, já que não existe convenção coletiva da categoria. Mesmo que houvesse, a questão pode ou não ser regulada entre as partes", esclarece Paulo.

Os veículos garantem haver a possibilidade de efetivação. Gisele Barcelos foi estagiária do Jornal da Manhã por cinco meses. Em maio de 2008, foi contratada como repórter.

"A experiência é essencial, pois a realidade é muito dinâmica. O estagiário não pode se prender à ideia de que é somente um estudante; deve ter postura de profissional, não ter medo de se arriscar, enfrentar as situações e demonstrar interesse para que possa crescer profissionalmente", ressalta.

Arquivo pessoal

Diretor de Jornalismo da Rede Integração, Paulo Eduardo, afirma que os estagiários da afiliada têm chances de contratação

Rita Lacerda

Jornalista Milton Neves com a diretora do Grupo JM de Comunicação, Lídia Prata Ciabotti, durante lançamento da Rádio JM Difusora AM - afiliada Rede Bandeirantes. O grupo conta com cerca de cem jornalistas no Jornal da Manhã, nas revistas JM Magazine, JM Noivas e JM Extra

"Não admito que um jornalista seja equiparado a um faxineiro, ou a um pipoqueiro, sem demérito algum para essas profissões. Todavia, o jornalista tem uma responsabilidade muito grande, pois lida com pessoas, e pode interferir decisivamente no futuro delas. Uma notícia mal colocada, um conteúdo equivocado, pode destruir uma pessoa, ou trazer-lhe problemas de toda sorte (descrédito pessoal, profissional, ruína financeira, etc.) Daí a necessidade de preparar o profissional jornalista para o mercado, e nesse quesito só a escola é capaz de proporcionar a formação ética e técnicas adequadas."

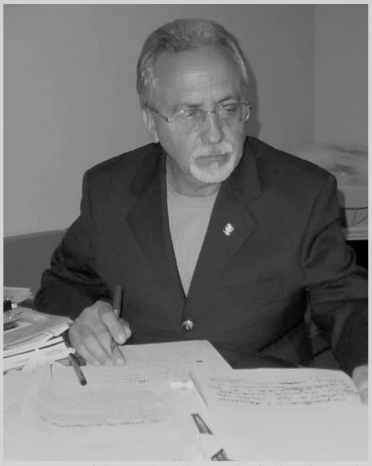
issuu-downloader.com

O que pensam os formadores de opinião

Profissionais de várias áreas questionam o fim da obrigatoriedade do diploma e falam em volta da ditadura

Fotos: Arquivo Jornal da Manhã

Jornalista e assessor de imprensa da prefeitura de Uberaba, Márcio Gennari, enfatiza que a academia alia teoria, prática e conduta ética



Para o presidente do Fórum de Articulistas de Uberaba e região, João Euripedes Sabino, a decisão do STF é um retrocesso

Ex-radialista, hoje, ortopedista, Constantino Calapodópolus não compreende a decisão do supremo e fala em ditadura

O presidente da OAB/Uberaba entende que a publicação de notícia mal elaborada pode causar enormes prejuízos

Samara Candido
4º Período de Jornalismo

A decisão do STF de derrubar a exigência do diploma para a profissão de jornalista tem causado polêmica e intriga os formadores de opinião. Para o escritor e presidente do Fórum dos Articulistas de Uberaba e Região, João Eurípedes Sabino, essa decisão é um fiel espelho de retrocesso para o país. “Ela avilta a trajetória de desenvolvimento cultural como um todo, pois enquanto buscamos aprimorar nossos conhecimentos, fazendo uso das mais modernas tecnologias e detendo o maior número possível de informações temos que aturar mais um golpe da lei”, contesta.

Ao contrário do que pensa João Eurípedes, o comentarista e colunista Carlos Roberto Moura (mais conhecido como Ticha) acredita que a decisão será favorável para alguns. “Dará oportunidade aos bons profissionais que não passaram pelos bancos da universidade”. Mas ele enfatiza que a probabilidade de isso acontecer é pequena, e alerta: "o estudo é de suma importância para que o profissional aprenda os conceitos de ética e os princípios básicos da profissão".

"A profissão de jornalista está ligada à formação das opiniões e, por isso, deve ser exercida com responsabilidade", defende o jornalista e assessor de Comunicação da Prefeitura Municipal de Uberaba, Márcio Gennari. Segundo ele, o profissional que lida com a informação deve ser tecnicamente capacitado. "É fundamental que ele passe pela universidade, uma vez que a academia alia teoria, prática e conduta ética”.

A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) se mostra contrária à decisão anunciada pelo STF. A instituição entende que a independência e a qualidade necessárias para o correto trabalho jornalístico são obtidas somente com o embasamento adquirido na universidade. A OAB realiza pronunciamentos e manifestações em todo o país. Uma dessas manifestações ocorreu em Alagoas, alguns dias após a decisão do STF, como divulgou o *site* www.datajus.com.br. A mobilização contou com a participação da OAB/AL, do Sindjornal (Sindicato dos Jornalistas de Alagoas), de jornalistas, de professores e estudantes do curso de Comunicação Social. Para Eduardo Azank, presidente da OAB/Uberaba, a decisão influenciará na qualidade da informação. “Uma informação mal elaborada poderá prejudicar muitas pessoas e uma condenação antecipada pela imprensa causará enormes prejuízos”.

Constantino Jorge Calapodulos é ortopedista, traumatologista e professor universitário. Na década de 70, foi radialista e apresentador de TV, na antiga TV Uberaba, hoje TV Bandeirantes /Uberaba e não consegue compreender a decisão do Supremo. “Até hoje não consegui entender a decisão do STF. Estamos voltando à época da repressão”, argumenta.

issuu-downloader.com

O dia-a-dia do jornalismo

Profissão é tida como *glamourosa*, mas a realidade é repleta de desafios

Danilo Lima
Isabella Lima
4º período de Jornalismo

Glamour e fama só acontecem no Jornalismo em casos esporádicos. Correria, portas na cara, telefonemas não respondidos, ficar até tarde na redação terminando matérias que ficaram pendentes por detalhes. Essa é a rotina da maioria dos jornalistas. Entretanto, a paixão pela profissão, a vontade de tornar pública uma notícia de interesse comum e a emoção de conseguir um furo fazem da maioria pessoas apaixonadas pela profissão.

Sete horas da manhã na Rede Integração - afiliada da Rede Globo. Hora de reunião com todos os profissionais da equipe (repórteres, editores, produtores e apresentadores). É quando decidem o que vai ao ar no telejornal do meio-dia.

Depois da reunião, o editor Kleber Santos inspeciona tudo o que está para ir ao ar. Acompanha os detalhes que envolvem desde a checagem das fontes junto à equipe de produção até a qualidade das matérias na ilha de edição. Se um entrevistado não comparecer, a equipe faz o impossível para arranjar um substituto.

Com o programa no ar, tudo é acompanhado passo a passo. O grito de "20 segundos!" é o aviso para que todos estejam a postos. Se algo acontecer diferente do planejado, a equipe é informada no mesmo instante, mas a falha nem sempre pode ser evitada.

O trabalho não acaba com o fim do jornal, às 12h45. Kleber fica até o fim da tarde para discutir e definir o que vai ao ar na próxima edição. "Televisão é organização. Sem isso não funciona".

Para Michelle Parron, estudante de Jornalismo que faz estágio no *site* de notícias Uberaba Já, o dia não tem programação específica. A futura jornalista assegura que se engana quem pensa que o jornalismo digital é feito somente "sentado" em frente ao computador: "Todas as notícias são apuradas pessoalmente. Não me recordo do dia em que fiz alguma entrevista via telefone."

Arquivo Jornal da Manhã

Na foto com a aluna de Jornalismo Joyce Rodrigues, o jornalista Eduardo Idaló, que atua como repórter de impresso, editor e locutor de rádio

> A paixão pela profissão, a vontade de tornar pública uma notícia de interesse comum e a emoção de conseguir um furo fazem da maioria pessoas apaixonadas pelo jornalismo.

Michelle diz que as ferramentas que a *Internet* disponibiliza podem se tornar armadilhas para os mais desatentos, porque nem todas as informações ali dispostas são confiáveis. Por isso, é preciso checar os dados com quem realmente entende do assunto.

Além disso, o texto para um jornal *on line* exige rapidez e tem suas especificidades. "Tento escrever um texto curto, atraente e agradável. O internauta procura tudo isso. Se ler e não se interessar, muda de página na mesma hora".

Isabella Lima

Os editores do MGTV 1ª edição, Lidiana Pereira e Kléber Santos, reforçam a ideia de que telejornalismo é fruto de organização

Repórter policial

Às 14h. Eduardo Idaló chega ao Jornal da Manhã. Como sua editoria é baseada em assuntos factuais de polícia, não recebe do editor nenhuma pauta. Eduardo lê os jornais da região e liga em todos os órgãos oficiais atrás de informações e notícias (Bombeiros, Polícia Civil, Militar, Federal, Rodoviária).

"Trabalho sob uma pressão editorial que me obriga a ter, ao fim do dia, pelo menos, cinco matérias", explica Idaló.

Assuntos como assaltos, prisões, rebeliões, drogas, blitz no trânsito, acidentes e todo tipo de crime, investigações policiais ou fatos que remetem à segurança pública estão dentro da área de atuação de um repórter policial.

Quando ocorre algum fato fora do horário de trabalho, o fotógrafo é quem se desloca até o local do acontecimento. Durante o dia, com as informações que o fotógrafo passa, Eduardo apura e repercute a notícia. Em um dia tranquilo, sem notícias factuais e com a obrigação de preencher uma página do jornal, o repórter mantém contato com delegados, juízes e promotores, em busca de informações de interesse público. Por volta das 18h, começa a fechar as primeiras matérias. O título, as legendas de fotos e as manchetes e chamadas de capa são definidos pelo editor.

Ele conta que trabalhar com notícia de tragédia não é fácil. Além do lado emocional, é preciso atenção redobrada para não trocar nomes de vítimas e criminosos. Ter sensibilidade para dar limite aos detalhes de um crime. Até onde fere a intimidade de uma pessoa ou uma família. É necessário filtrar a informação para não cair no sensacionalismo. "Cenas de acidentes graves, pessoas mortas e crimes bárbaros às vezes ficam na minha cabeça, mas procuro tratar os casos de forma humanizada, procurando não deixar a emoção influenciar diretamente no texto", conta Eduardo, que desempenha também as funções de locutor e editor de rádio.

Arquivo pessoal

Michelle Parron, aluna de Jornalismo, explica que jornalismo *online* não é feito apenas sentado em frente ao computador

issuu-downloader.com

Kelle Oliveira

O primeiro jornal impresso do mundo, o *Acta Diuena Populi Romana* era fixado na parede da casa de Júlio César e trazia em suas páginas diversas notícias, desde feitos militares a obituários e crônicas esportivas. Hoje, as *novas mídias* chegam capturando audiência fresca - onde quer que ela esteja - com linguagem diferente, velocidade diferente, impacto diferente e o mesmo conteúdo das atas afixadas na parede de Júlio César

Nasce um novo Jornalismo

Francisco Marcos Reis integra a geração de jornalistas que redescobriram a profissão a partir do empreendedorismo

Kelle Oliveira
Leandro Araújo
4º período de Jornalismo

O jornalismo, como conhecemos um dia, está morrendo. O surgimento quase diário de novas tecnologias obriga mudanças na forma como as notícias são produzidas e transmitidas. O novo jornalista não é mais somente a figura que encontramos nas tradicionais redações. Com a multiplicação de novas plataformas de comunicação, ou seja, novos métodos de transmitir mensagens dentro de meios como a *Internet*, TV e o próprio impresso, grandes veículos e pequenos grupos se aventuram na tentativa de informar, reportar e atingir diferentes públicos, ao mesmo tempo.

Recentemente, o blog em que o jornalista André Deak é escritor colaborador (www.overmundo.com.br), considerou o advento das novas mídias, até pouco tempo consideradas alternativas. "No Brasil, a experiência do repórter multimídia ainda está no início. A Agência Brasil é uma das poucas redações cujos mesmos repórteres produzem tanto para as rádios da empresa, quanto para o *online*, em tempo real". Deak acrescenta que, para o profissional, as dificuldades em se produzir para novas mídias não são poucas e, embora uma operação jornalística multimídia possa oferecer uma compreensão mais abrangente da história – com a soma de vídeo, fotos, infográficos e áudio – é preciso que haja infra-estrutura de trabalho e remuneração adequadas.

Empresas internacionais, como a BBC e o jornal *The New York Times* e, mesmo nacionais, como a Agência Brasil, já vêm testando de forma bem-sucedida experiências no campo da fusão das mídias. Muito além das reportagens tradicionais, esses grupos conseguiram enxergar novos caminhos para expandir a mensagem e alcançar novas audiências e novas maneiras já na apuração dos fatos. O jornal britânico *Daily Telegraph*, por exemplo, organiza a produção de suas notícias em uma espécie de redação integrada, capaz de reunir diversos tipos de plataformas, na qual o jornalista não escreve especificamente para rádio, TV ou impresso. Ele escreve para todos os formatos de que o veículo dispõe para captar audiência, desde *blogs* a redes sociais, como Orkut e Facebook.

Os profissionais e as novas tendências

Francisco Marcos Reis, conhecido como Chico Marcos, é um dos jornalistas que começaram a explorar as novas áreas do jornalismo moderno. "Trabalhei a vida inteira com o jornalismo impresso, porém, chegou um momento em que essa atividade já não me dava prazer. Com isso, comecei a criar produtos relacionados à área de comunicação para vender a empresas, prefeituras e agências de comunicação", esclarece Chico, que graduou-se na Uniube (Universidade de Uberaba), há quase 30 anos.

Atualmente, tem como projetos as revistas *H2O Brasil* e *Foco Regional*, um guia turístico distribuído anualmente e um programa de televisão chamado *Negócio Fechado*. "Sempre haverá a necessidade de informação. Cabe a nós, jornalistas, inventar nosso emprego, criando novas formas de exercê-lo", finaliza Chico.

A comunicóloga Neire Castfer, da agência de comunicação Futura, já aderiu às novas maneiras para a transmissão de mensagens, cada vez mais revolucionárias e integradas. "Estamos presentes em quase todas as mídias sociais e nos sentimos à vontade para indicar e acompanhar a evolução da comunicação de em-

issuu-downloader.com

presas que entendem, ou pelo menos querem entender, que a única forma de conversas com seus públicos é conversar com eles através de um conjunto articulado de ações, esforços, estratégias e produtos, a chamada Comunicação Integrada, afirma. Segundo ela, o mercado sente dificuldades em se adaptar à nova corrente, não só os profissionais. "O que se vê é uma inércia geral provocada pelo medo do desconhecido", afirma Neire.

"Sempre haverá a necessidade de informação. Cabe a nós, jornalistas, inventar nosso emprego, criando novas formas de exercê-lo"

Comunicação ampliada

A Comunicação Integrada pressupõe não apenas um diálogo produtivo entre todos os esforços, mas um planejamento conjunto. Nesse sentido, a utilização de novas tecnologias, a presença na *web* e as formas múltiplas de relacionamento com o público se tornam fundamentais para agregar valor às marcas e consolidar a imagem das corporações junto a públicos específicos ou à sociedade como um todo. A comunicação em todos esses níveis amplia radicalmente o campo de atuação do jornalista e ajuda a definir a multifacetada cara do novo jornalismo.

Faeza Rezende, jornalista "de diploma e coração", como se considera, graduou-se na Uniube, em 2006, e já transitou por impresso, TV e assessorias de comunicação. Para ela, cada vez mais abre-se um leque de possibilidades de fazer jornalismo. "Não só o rádio ou a TV estão mudando, mas, a maneira como se produzem as notícias. A evolução tecnológica e o surgimento de novas plataformas para comunicação são os grandes responsáveis por isso", ressalta.

"A utilização de novas tecnologias, a presença na *web* e as formas múltiplas de relacionamento com o público se tornam fundamentais para agregar valor às marcas e consolidar a imagem das corporações junto a públicos específicos ou à sociedade como um todo."

Seu trabalho de Conclusão de Curso, o vídeo-documentário "As Sete Chaves", sobre a cidade de Uberaba, foi transmitido em um programa regional da TV aberta em abril de 2007 e repercute de forma positiva até hoje. Para Faeza, o jornalista deve explorar as novas possibilidades de produção (como os vídeo-documentrios, por exemplo) e apoiar-se em investimentos públicos e leis de incentivo à cultura, que ajudem a difundir os novos trabalhos e ampliar ainda mais o campo de atuação e criação jornalística.

Outro jornalista formado pela Uniube, Wagner Fonseca, investe na produção de vídeo-documentários desde a época da faculdade. "O documentário sobre desnutrição infantil que foi filmado no Vale do Jequitinhonha para meu Trabalho de Conclusão de Curso custou dez mil reais. Tive que pedir ajuda à família, amigos e até professores", ele diz.

Para o jornalista, a maior dificuldade nesse segmento está em angariar recursos públicos, federais ou estaduais. "Frequentemente são divulgados editais para financiamento, mas o grande problema é que o número de projetos enviados é infinitamente superior ao número de vagas", afirma Wagner.

Ele acrescenta ainda que o cadastro de espera para verbas é muito grande e a liberação do financiamento pode levar anos. "Isso desestimula o envio de materiais e acaba desacreditando os órgãos de fomento à cultura. Em uma cidade como Uberaba, por exemplo, com cerca de 300 mil habitantes, a produção fica restrita a vídeos de baixo custo e produção simples. É preciso que estimulemos a arrecadação de dinheiro para a cultura, pois, com certeza, é um rico campo de trabalho para jornalistas". Apesar das dificuldades, o jornalista se mostra determinado. "O mais importante é que não paremos de criar".

Multi-Bitencourt

Redator, publicitário, jornalista, filósofo. Luciano Bitencourt, 34 anos, ex-aluno da Comunicação da Uniube, mantém três *blogs* e desenvolve atividades no mercado publicitário e jornalístico, em diversos ramos. Em entrevista ao Revelação, fala sobre as novas mídias e sua representatividade no mercado.

Arquivo pessoal

REVELAÇÃO: O que você mais gosta no seu trabalho?
Luciano Bitencourt: Mais importante que reportar, na minha opinião, é trabalhar a mensagem de forma que as pessoas sintam desejo em absorvê-la e consumi-la. Eu adoro uma boa história e, mais do que isso, adoro contar bem uma boa história. Eu me apresento como redator, pois meu negócio é escrever (de bula de remédio a discurso político).

REVELAÇÃO: Quais as principais diferenças na hora de produzir para os diversos tipos de mídia?
LB: Cada veículo tem o seu formato próprio, o que implica regras e limites. Nesse sentido é importante transitar junto aos vários profissionais que fazem a coisa acontecer. Não existe segredo. A principal diferença entre as mídias são o *timing* e a linguagem.

REVELAÇÃO: Em que as novas mídias diferem das tradicionais? Existe dificuldade de adaptação?
LB: As novas mídias são complementares e não necessariamente substitutivas. No entanto, assustam os jornalistas ou publicitários mais tradicionais em razão de exigirem uma amplitude de conhecimento que muitos não têm, além de um engajamento que eles abominam.

REVELAÇÃO: Você mantém três blogs em funcionamento. Eles influenciam no seu trabalho de forma positiva?
LB: Sim. A questão é que hoje é fácil publicar um trabalho ou colocá-lo à disposição de milhares de pessoas, sem gastar um centavo e com a liberdade de escrever o que você quiser.

REVELAÇÃO: O mercado está disposto a aderir às novas mídias?
LB: É claro que sempre existe resistência, principalmente em razão do monte de picaretas que surgem com promessas miraculosas de resultados. Cabe ao profissional saber oferecer aquilo que está realmente ao seu alcance. E, com o tempo, as novidades são aceitas.

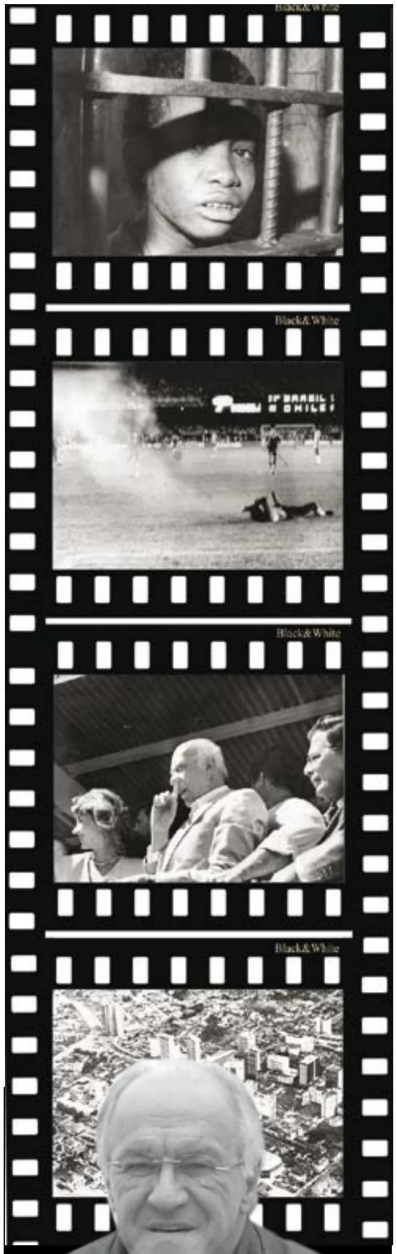
Acesse e curta o trabalho de Luciano Bittencourt:

www.overjobs.blogspot.com

www.ainternetestagripada.blogspot.com

www.autosinestesia.blogspot.com

issuu-downloader.com



Teoria x prática

Profissionais não diplomados alcançam o sucesso, mas sentem falta dos conhecimentos transmitidos na universidade

Élcio Fonseca
4º período de Jornalismo

O diploma caiu. Estudantes de jornalismo e futuros ingressantes neste mercado estão sem saber o que fazer: continuar estudando ou abandonar tudo, já que o documento não é necessário? A análise é ampla. A academia não apresenta apenas técnicas, mas a preparação profissional para que ele possa fazer um diagnóstico da realidade, e consiga se antecipar. É na universidade que o estudante se compromete com a objetividade no registro dos fatos, a importância do reconhecimento do interesse público na cobertura das políticas públicas e o conhecimento dos fundamentos éticos no exercício da profissão.

Na Uniube, o Curso de Jornalismo completou 52 anos de existência. A grade curricular soma aproximadamente 2700 horas de aulas presenciais em 40 disciplinas diferentes. A universidade possibilita ao aluno o domínio sobre técnicas, teorias e fundamentos do jornalismo, permite que vivencie as áreas de atuação como o jornal impresso, rádio, TV, fotojornalismo, jornalismo on-line, vídeo, assessoria e edição. Além disso, o estudante se baseia em conceitos antropológicos, sociológicos e políticos, administração e marketing jornalístico, legislação e ética profissional, responsabilidade social, dentre outros.

Nossos entrevistados não cursaram a faculdade de Jornalismo, não possuem o diploma e não conhecem as teorias, mas estão na profissão. A vivência pareceu suficiente para que se tornassem reconhecidas personalidades dos meios de comunicação, mas eles gostariam de mais...

José Antônio dos Santos

Está há 42 anos na profissão. Começou aos 17 anos como locutor nas festas paroquiais da igreja, em Ourinhos, São Paulo. Naquele tempo, participou de um concurso para ser locutor na Rádio Clube de Ourinhos, ficou em segundo lugar, mas após a desistência do primeiro colocado, surgia a oportunidade que esperava.

No município, não havia faculdade e as condições não permitiam que José Antônio fizesse graduação. As carências técnicas, que deveriam ser supridas na faculdade, foram sanadas por ele mesmo, com o apoio de outros profissionais.

Em Uberaba, começou na Rádio Difusora e, hoje, tem o seu programa diário, Jornal das Sete, na rádio Sete Colinas AM. José Antônio lamenta a queda do diploma: "É claro que se precisa da faculdade. A teoria é muito importante. Isso foi um retrocesso". José Antônio requereu seu registro de jornalista junto ao Ministério do Trabalho, em 1967, e conseguiu em 1972, após comprovar a experiência.

Arquivo pessoal

Túlio Micheli

Arquivo pessoal

Começou a carreira na composição do Jornal Lavoura e Comércio, em 1998. Ainda no jornal, passou a editar o caderno de Tecnologia. O gosto pela profissão só aumentava. Chegou a cursar Jornalismo na Uniube, mas problemas financeiros não permitiram que continuasse. Esteve por dois anos na Folha de S. Paulo e, no retorno a Uberaba, se atirou na radiofusão. Trabalhou em sete emissoras diferentes. Mais tarde trabalhou também nos dois impressos do município e conseguiu registro de Jornalista, em 2000. Na época, reuniu documentos e cópias de matérias que havia feito para jornais e rádio para obter a autorização. Hoje, atua como diretor e editor de um portal de notícias denominado *UberabaNews*, que será lançado em breve.

Apesar de não ter concluído o curso, Túlio acredita que o que se aprende na faculdade não é 20% do que se vivencia na prática. Porém ele lamenta: "Achei uma pena a queda do diploma. Não pelo que ele simbolizava, porque para mim não passa de um pedaço de papel, mas pela falta de respeito com que foi tratado o profissional".

Paulo Nogueira

Seu começo foi como operador de som, aos 14 anos de idade. Hoje, 40 anos depois, ele se diz realizado. Aos 16 anos, já era repórter das editorias de polícia e política. Apaixonou-se por textos e fotojornalismo. Sem oportunidades de ingressar na universidade, partiu para o trabalho. Morou em São Paulo, onde esteve por 12 anos no *Estadão* e dois anos na *Folha*. Passou por experiências na TV Manchete e TV Uberaba, foi o pioneiro do jornalismo investigativo pelo Jornal da Manhã e se orgulha das coberturas da Copa do Mundo e da Copa América de Futebol.

Houve um tempo que Paulo Nogueira trabalhava no rádio, no período da manhã, na TV, no período da tarde, e no jornal à noite. Segundo ele, a leitura foi a base para a sua sustentação no mercado. "Eu criei o meu estilo de texto, tento escrever diferente", exclama. Após dois anos, aproximadamente, apresentando textos e trabalhos jornalísticos, ele conseguiu o registro de reconhecimento da profissão junto ao Ministério do Trabalho.

Atualmente, Paulo Nogueira é assessor de comunicação do "Hospital Dr. Hélio Angotti", é ufólogo, pesquisador e membro da *Associação Brasileira de Jornalismo Científico*. Tem seus textos publicados em revistas científicas e no Jornal de Uberaba. Sobre a decisão do STF, ele afirma: "Eu não acredito que isso vá pra frente; o diploma voltará a ser obrigatório".

issuu-downloader.com

Profissionais do mercado
voltam para a sala de aula

Jornalistas com experiência no mercado de trabalho procuram formação acadêmica para ampliar conhecimentos com vistas à ascensão profissional

Gullit Pacielle
4º período de Jornalismo

Número e sigla cedidos pelo Ministério do Trabalho eram garantia de que um jornalista profissional estava no mercado de trabalho, conforme exigiam as empresas.

Mas no decorrer da graduação, os alunos enxergaram além da possibilidade de regulamentação. É a chance de adquirir novos conhecimentos e visões de mundo diferentes. Nos últimos anos, a Uniube tem recebido diversos profissionais experientes na área da comunicação, tais como Tobias Ferraz, Helenaldo Tristão, Marina Rabelo e o casal Roseli e Marcelo Lara.

Marcelo é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Agronegócio. Ingressou na Comunicação no Grupo RBS, em Erechim, no Rio Grande do Sul, apresentando o *Jornal do Almoço*, há 17 anos. De lá para cá, coleciona prêmios, entre eles, o Prêmio CNA de Jornalismo, em 2002, com a reportagem "Protecionismo", sobre o subsídios em agronegócio nos Estados Unidos; o Prêmio Massey Ferguson de Jornalismo, em 2003, com a reportagem "Agricultura familiar"; e o Prêmio Embrapa de Jornalismo, em 2005, com a reportagem "Brasil livre de aftosa, uma luta de todos".

"Procurei a universidade devido à exigência da minha profissão. A faculdade é uma necessidade, desde que o aluno esteja focado e primando no objetivo que é aprender", afirma Lara. Questionado sobre o receio de retornar ao ambiente acadêmico, ele demonstra tranquilidade. "Não tive medo. A minha maior preocupação era apenas o fato de poder conciliar as aulas com o trabalho. Abri mão de muitas viagens pela minha empresa para não faltar à faculdade", relata.

Experiência em rádio

A mulher de Marcelo, Roseli Lara, é outra profissional experiente que retorna à universidade. Formada em Estudos Sociais, trabalha há 20 anos com rádio. Atualmente, está na *web rádio* Migrantes. Em 1994, ingressou no Jornalismo na Universidade em Santa Catarina, mas não concluiu o curso. Chegou a fazer dois anos de Letras, mas mudou-se para Uberaba e decidiu retomar a Comunicação. "Sou plenamente a favor de que para atuar como jornalista é necessário ter formação. Na área de Humanas e Ciências Sociais é exigido, por que não a Comunicação?", comenta.

Para Roseli, o tempo que passa nos bancos universitários é importante para refletir sobre a Comunicação e sobre a atuação dos jornalistas. "É um local para repensar os conceitos do Jornalismo, uma profissão que, segundo o código deontológico, deve servir essencialmente ao interesse coletivo", expressa.

Há 13 anos, Helenaldo Oliveira Tristão trabalha na afiliada da Rede Globo, Rede Integração. Começou como *motoboy*, logo passou para cinegrafista e, atualmente, atua como editor de imagem. De volta à sala de aula, está no 5º período de Jornalismo. "Sempre tive vontade de cursar uma universidade. Como já atuava na área, optei pelo jornalismo. Hoje, o mercado te obriga a ter o diploma", enfatiza Helenaldo.

Com a decisão do STF, ele pensou em desistir, mas percebeu que a formação acadêmica irá agregar valor à carreira profissional e poderá oferecer outras possibilidades, como prestar concursos. O estudante e editor confessa que quando entrou na universidade se sentia um pouco atrás dos outros alunos, por ter ficado muito tempo afastado dos estudos. "Agora, tenho um excelente contato com os professores e colegas de sala, tenho amizade com todos. Além disso, estudar é bom para o ego e para o futuro", finaliza.

Arquivo pessoal

Marcelo Lara em entrevista para o Canal Rural

Conhecimento nunca é demais

Tobias Ferraz é outro exemplo de profissional experiente que está de volta à sala de aula. Nascido em Araras, interior de São Paulo, atua no jornalismo há 23 anos. Começou na televisão, mas passou por outras mídias, como rádio e revista. Atualmente, trabalha na ABCZ TV e em produtoras de vídeo. Em 2006, Tobias ingressou no curso de Jornalismo. "Procurei o curso de Comunicação Social da Uniube para me reciclar, reduzir minhas deficiências, aprimorar conhecimentos e, claro, pegar o diploma", disse Ferraz.

O jornalista demonstra insatisfação com a decisão do Supremo Tribunal Federal. "Em uma sociedade elitizada, como a sociedade brasileira, as barreiras de inserção social são inúmeras. Uma forma de qualificar ou desqualificar uma pessoa é pelo nível de escolaridade. Com a Comunicação Social não é diferente. A ausência do diploma coloca o jornalista na condição de precário e, com diploma, – após a decisão do STF – de otário", protesta.

Elaine Ferraz

Tobias Ferraz tem 23 anos de experiência em jornalismo

issuu-downloader.com

O diploma não faz o profissional

No entanto, especialistas concordam que formação superior é imprescindível para ascensão profissional

Gabriela Borges
4º período de Jornalismo

Desde a determinação do Supremo Tribunal Federal são amplas as discussões entre os profissionais da Comunicação. O ensino no Brasil está pronto para preparar o aluno para ser jornalista, sem que passe pelos meios acadêmicos?

Doutora em educação, diretora do IFE (Instituto de Formação de Educadores) e uma das coordenadoras do mestrado em Educação da Uniube (Universidade de Uberaba), Sueli Terezinha de Abreu Bernardes, afirma que não, e faz uma ressalva: "o ensino brasileiro não é suficiente para que um aluno possa exercer 'qualquer profissão' sem passar pela faculdade."

Segundo ela, as escolas básicas no Brasil preparam um aluno para o vestibular e não para o mercado de trabalho. Sueli explica que essa função de preparar para atuar direto no mercado é específica do Ensino Técnico. A especialista lamenta que a educação seja direcionada ao ingresso à faculdade ou ao mercado de trabalho. "A educação deve ser voltada para o desenvolvimento do aluno enquanto ser humano e não para um objetivo definido, excluindo as outras necessidades pedagógicas", completa.

Editora do MGTV 2ª edição, da Rede Integração - afiliada Rede Globo, Lidiana Pereira, concorda com a educadora e vai além. Para ela, a liberdade de expressão só é válida se feita conscientemente. "Nada mais ético do que defender a liberdade de expressão, mas com propriedade, e não simplesmente por uma causa aparentemente sem sentido, conforme fez o STF", completa Lidiana.

A editora diz que existem vários e diferentes profissionais não diplomados, mas que isso não significa que o mesmo profissional não precise passar pela faculdade, pois a fundamentação teórica é tão importante quanto a prática aprendida no mercado. "A faculdade e o diploma não fazem o profissional, mas certamente agregam valores à pessoa", ressalta a editora, formada pela Uniube em 1998.

Pelo mundo

Em 2005, a Associação Brasileira dos Jornalistas criou um blog para o *Movimento em Defesa dos Jornalistas Sem Diploma*. O objetivo, deveras alcançado, era derrubar a obrigatoriedade de diploma para o exercício da profissão. Em uma de suas publicações (26 de junho de 2009), são citadas gravações exibidas pelo *site* Observatório da Imprensa, dos jornalistas Sílio Boccanera, correspondente internacional em Londres, e Ariel Palácios, que reside em Buenos Aires. Nelas, Boccanera explica que em quase todos os países da Europa Continental o diploma não é exigido e que, na maioria das vezes, o profissional tem uma qualificação universitária diferente de Comunicação Social. Sílio Boccanera diz que as universidades oferecem um curso chamado *Estudos da Mídia*, que não é muito bem visto, pois enfatiza a parte teórica apenas. Na Inglaterra, o recrutamento de jornalistas é feito "com base no potencial que o editor acredita que ele vá oferecer". A maioria das empresas oferece um curso específico de jornalismo. "Sou formado e diria que a exigência do diploma não faz muito sentido. Não deve ser uma exigência, um requerimento oficial para que alguém possa exercer uma profissão", avaliou Boccanera. Ariel Palácios explicou que, na Argentina, os profissionais têm uma ampla variedade de formação, e que, no país, nunca foi exigido diploma. Segundo Palácios, só no início dos anos 90 ocorreu o *boom* do Jornalismo, em consequência do crescimento dos canais a cabo.

Há risco no mercado de trabalho?

Thiago Ferreira

Paulo Sérgio Ferreira tem 22 anos de profissão e coordena o jornalismo da Rádio Uberaba

Thiago Ferreira
4º período de Jornalismo

O STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu, no dia 17 de julho, tornar inconstitucional a exigência do diploma de curso superior para o exercício da profissão de jornalista. A medida vale em todo o país e, segundo o Ministro Gilmar Mendes, a obrigatoriedade do diploma veta a liberdade de expressão.

Maria das Graças Salvador, jornalista e repórter do Jornal de Uberaba, contesta o argumento. Ela explica que quando você ouve um cidadão sobre qualquer pauta abre espaço para este se expressar. "Esse negócio de falar que o diploma de jornalista tira ou impede a liberdade de expressão é balela". Graça acrescenta que o mercado de trabalho na cidade é restrito, mas garante que não se sente ameaçada em perder seu cargo para os não diplomados.

Paulo Sérgio Ferreira, formado pela Uniube, atua hoje como coordenador de Jornalismo da rádio Uberaba AM, e acredita que a profissão de jornalista atingiu um estágio de consolidação no país que a decisão dos ministros não decreta o fim da profissão. "O profissional vai precisar ter conhecimento em outras áreas como Gestão, Tecnologia da Informação, Direito, e deverá ser um profissional mais humano", explica.

"No começo fiquei revoltada com a notícia, pelos anos de estudos na faculdade. Mas isso não me preocupa. Os empresários de Comunicação não arriscarão colocar uma pessoa sem qualificação para escrever. Eles perderiam em qualidade. É muito importante ter consciência do trabalho, sempre agindo com ética e muita competência"

Mônica Cussi é assessora de Comunicação da Fazu e colaboradora do Jornal da Manhã

"Não tenho este tipo de preocupação. O profissional competente e ético nunca deve se sentir ameaçado. A única coisa que nos preocupa é a questão financeira, já que com o fim do diploma os patrões tendem a oferecer aos profissionais habilitados um salário menor, pois pode contratar qualquer pessoa para fazer o serviço, mesmo que não seja bem feito e com ética. O profissional precisa se reciclar, se atualizar. Não ficar parado no tempo. Tem que caminhar junto com o mercado. Se fizer isso, não terá por que se sentir ameaçado por um inabilitado."

Aparecida do Rosário, 23 anos de profissão, trabalha na TV Bandeirantes em Uberaba

issuu-downloader.com

Diploma não é exigência em Publicidade e Propaganda

As universidades estão cheias de alunos em busca de qualificação para competir no mercado

Iara Rodrigues de Oliveira
4º período de Jornalismo

Iara Rodrigues

O publicitário Roberto Benedito nunca frequentou a universidade, mas investe na formação superior do filho

Para trabalhar com Publicidade e Propaganda, o diploma universitário nunca foi obrigatório. Um publicitário divulga empresas, pessoas, produtos e serviços. Pode atuar em empresas, na área de gestão; trabalhar de forma independente, prestando uma consultoria; atuar em empresas de comunicação, em agências de publicidade, produtoras de vídeo ou de áudio, estúdios de fotografia, editoriais de revista ou jornal e até mesmo cinema.

Mesmo sem a exigência do diploma na área, o curso é concorrido. Segundo dados da Copese (Coordenação Permanente de Processo Seletivo) da Uniube (Universidade de Uberaba), o vestibular de junho deste ano, que tradicionalmente atrai menos candidatos, teve 59 inscritos para 27 vagas. No fim do ano passado, a procura foi ainda maior, 107 candidatos concorreram a 36 vagas, ou seja, praticamente três candidatos/vaga.

Benedito Roberto Borges atua como publicitário há 17 anos. Não cursou a universidade e, atualmente, é dono de agência Markant. Na época em que começou, o mercado era restrito. O profissional que finalizava as campanhas, por exemplo, fazia tudo manualmente. "O mercado cresceu muito. Um crescimento fantástico em qualidade, volume e exigência", analisa.

Benê, como é conhecido, se diz um apaixonado pela profissão e investe na formação do filho que já cursa Publicidade e Propaganda. "Se eu pudesse associar a didática de um curso superior com a prática, poderia ser um profissional ainda melhor, pois estaria mais embasado", comenta.

Para a professora de Publicidade e Propaganda e gerente de Marketing da Uniube, Fabiana Oliva, o diferencial é o processo de aprendizagem. "O primordial é o que está por trás do diploma. Todo conhecimento que recebe, troca ou gera", opina Fabiana.

O também professor e diretor de Criação da agência de Publicidade *Sollo*, Anderson Andrade de Oliveira, afirma que uma boa formação é fundamental para que bons profissionais cheguem ao mercado de trabalho preparados para oferecer o melhor de si para a sociedade, mas ele acredita que existam também bons profissionais, éticos, socialmente responsáveis e criativos que não cursaram uma faculdade. "Acredito mais nas pessoas do que em documentos. Talento, bom senso, respeito e responsabilidade valem mais em uma agência", ressalta Anderson, que é formado em Design Gráfico.

O arte-finalista Luca Baroni Santos atua na área de criação, sem formação específica, há três anos. Ele conta que ainda criança fez cursos de Informática e não parou mais. Aos 13 anos, já desenvolvia *sites* de jogos e, mesmo assim, não foi fácil conseguir entrar no mercado publicitário. "Penso que 75% do que sei, aprendi na prática, trabalhando como profissional, porém, se não tivesse experiência desde novo não teria facilidade", ressalta Luca.

O jovem de 23 anos chegou a cursar um ano e meio de Publicidade e Propaganda e não concluiu porque, na época, não se preocupava com a formação acadêmica. Hoje, cursa Webdesign e Programação a distância. "O profissional formado, no meu ponto de vista, tem mais chance de

De olho no futuro

Marcelo Brito

O estudante do 5º período de Publicidade e Propaganda, Diego Pereira Aragão, tem apenas 22 anos e atua no meio publicitário desde 2002. Começou como assistente de produção e hoje é assistente de direção na Míra Produtora. Em São Paulo, fez dois cursos de vídeo: um de câmeras de vídeo digitais e outro de como fazer bons enquadramentos e contar uma história. "A partir daí, me apaixonei pela arte de fazer vídeos", confessa o jovem.

Em 2006, teve a felicidade de vencer o Festival do Minuto, realizado pelo curso de Comunicação Social da Uniube. Diego gravou o vídeo para alguns amigos que cursavam publicidade e foi o vencedor do festival. Em 2007, gravou o vídeo "Salvar como?", com roteiro de Tobias Ferraz, e novamente venceu. Em 2007, conquistou outro prêmio importante. Auxiliou os alunos de Jornalismo na gravação do documentário "Sobre vidas e fósseis", que conquistou o segundo lugar na Expocom.

Neste mesmo ano, Diego ingressou na universidade. "O diploma é interessante pelo conteúdo que a faculdade lhe propõe, porém não adianta ter diploma e não colocar em prática o que se aprende", afirma. O jovem já planeja fazer pós-graduação em cinema. "Quero usar a força do Cinema e a persuasão da Publicidade para implantar na sociedade a Responsabilidade Social, que é o meu foco principal", conclui.

issuu-downloader.com

Qual o papel da imprensa

O que pensam os principais editores-chefes de Uberaba

Cristiano Ximenes
4o período de Jornalismo

Foto: Arquivo Jornal da Manhã

Foto: Arquivo pessoal

Foto: Helenaldo Trsitão

Os editores chefes Alexandre Pereira (Jornal da Manhã), Walter Farnezi (Jornal de Uberaba) e Luis Humberto França (Rede Integração/Filiada da Rede Globo) entendem a necessidade de adequação às novas mídias e do compromisso da informação com responsabilidade e seriedade

O quão presente é a imprensa em nosso cotidiano? Quando acordamos e queremos saber o resultado dos jogos do fim de semana pela manhã, quando comentamos as últimas notícias com nossos colegas à tarde, e mesmo à noite, quando vamos decidir a qual lugar iremos para nos divertir. Em todos esses momentos corriqueiros a imprensa faz parte de nossas vidas. E em muitos outros se faz indispensável. Para sabermos dos rumos do país, conhecer maneiras de nos prevenir contra uma doença, nos preparar para intempéries naturais e econômicas. Essas e outras informações só a imprensa é capaz de tornar de amplo conhecimento.

Desde o século XV, quando se criou a prensa móvel, o homem tem se dedicado à tarefa de relatar e transmitir os acontecimentos da sociedade. No Brasil, toda e qualquer atividade de imprensa fora proibida até o ano de 1808, quando a Família Real Portuguesa se mudou para o Rio de Janeiro. No dia 13 de maio daquele ano foi fundado o primeiro órgão de imprensa do país, a Impressão Régia, atual Imprensa Nacional, com a finalidade de publicar os atos normativos e administrativos oficiais do governo. E, no dia 10 de setembro, criou-se o primeiro jornal impresso no Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro, que era também um orgão oficial, e portanto, só trazia informações favoráveis à coroa. Antes, porém, já circulava o Correio Braziliense, impresso na Inglaterra pelo exilado Hipólito José da Costa. O jornal tinha caráter político doutrinário e fora criado, segundo Hipólito, com o claro propósito de atacar os defeitos da administração do Brasil.

Desde os primeiros jornais, a política sempre foi um dos campos de maior empenho da imprensa. A socióloga Natália Morato relata, inclusive, a importância do papel dos meios de comunicação no processo de redemocratização vivido pelo país nas últimas décadas. Para Morato, a atitude da imprensa ao fiscalizar, apurar e, se necessário, denunciar as atitudes de governantes é fundamental para o estabelecimento e transparência da democracia brasileira. Morato citou ainda acontecimentos que corroboram a eficácia da ação da imprensa na política, neste sentido. Fatos como o primeiro impeachment de um Presidente da República e cassação de vários políticos em razão de casos de irregularidades e corrupção que só vieram a público e foram averiguados por causa da ação da mídia, ao contrário do ocorria em anos anteriores.

Além da função fiscalizadora, a socióloga acredita que é papel fundamental da imprensa promover o debate, uma vez que, segunda ela, "o primeiro compromisso do jornalista é com a sociedade". Levar a público temas e necessidades da população para que esses possam ser debatidos pela sociedade é papel da imprensa em razão da grande penetração que ela possui. De outro modo, com a ausência do debate público, parte da população ficaria sem expectativa de verem sanados seus anseios e muitos temas caros ao país como um todo poderiam passar ao largo da sociedade civil, ficando apenas a cargo dos políticos.

> **"Fazemos as pessoas enxergarem o que elas não têm possibilidade de enxergar por si próprias".**

Para cumprir de maneira correta seu papel na sociedade, é necessário, por parte do jornalista, tomar vários cuidados. O jornalista Alexandre Pereira, editor-chefe do Jornal da Manhã e membro da assessoria de imprensa da Prefeitura de Uberaba, diz que retratar com responsabilidade o que ocorre na sociedade não é uma tarefa fácil, muito menos nos dias de hoje. Segundo Pereira, as novas mídias fizeram com que a informação ficasse mais rápida, mas também aumentou a possibilidade de erros. Estes erros se tornariam mais frequentes por causa da demanda de se transmitir a notícia cada vez mais rápido, o que acaba por encurtar o período dedicado à apuração.

Walter Farnezi, editor-geral do Jornal de Uberaba, salienta que é obrigação do jornalista se adequar a essas transformações sem esquecer que a profissão é uma atividade científico e humana, e que, portanto, requer "não apenas técnica, mas principalmente discernimento para realizá-la".

Compromisso e seriedade. Essas são as palavras-chave que norteiam a carreira de um jornalista, para Luis Humberto França, gerente de Jornalismo da Rede Integração. Para França, qualquer deslize no feitio de uma matéria pode ocasionar danos sérios às pessoas e instituições. Editorialmente, o jornalista diz dar prioridade às matérias com um impacto positivo na comunidade. Ainda segundo ele, muitas vezes, a mídia acaba por ser o último recurso para o cidadão conseguir se fazer ouvir. "Fazemos as pessoas enxergarem o que elas não têm possibilidade de enxergar por si próprias".

issuu-downloader.com

Graduados em jornalismo na Uniube falam sobre a importância da faculdade na atividade profissional

Da universidade para o mercado de trabalho

Bruno Augusto da Costa
4º período de Jornalismo

Experiência, teoria, prática, inter-relacionamento pessoal e empreendedorismo. São esses os fatores eleitos por profissionais que definem o papel da graduação em Jornalismo da Uniube para as suas carreiras.

César Antônio, telejornalista, trabalha na Rede Integração Uberaba. Começou há dois anos e meio como estagiário em produção e hoje compõe a equipe como profissional. Segundo o jornalista um quesito importantíssimo do mercado é a experiência. “Sendo recém-formado, ou até mesmo estagiário, o mercado cobra que você tenha as mesmas responsabilidades e experiências de quem esta há anos na profissão”, ressalta. Nesse sentido, é de grande importância o desenvolvimento prévio das habilidades que a técnica jornalística exige. “Por atuar em TV, as aulas práticas e teóricas são um fator positivo para um bom desempenho dentro da profissão. Por isso acredito que o diploma é fundamental para o profissional de jornalismo. Afinal é onde ele vai ganhar experiência e saber se realmente tem a “pegada” para o trabalho”, enfatiza.

A universidade também oferece experiências nos demais meios de comunicação social, nas mídias de massa. Dentre as outras categorias, as quais o jornalismo se subdivide, está também o jornalismo impresso, o radiojornalismo e o jornalismo digital.

Arquivo pessoal

Raphael Rios em seus tempos de foca no estúdio de TV da Universidade de Uberaba

As práticas laboratoriais somadas às disciplinas teóricas propiciam profissionais mais preparados e conscientes dos vieses sociais e científicos que também compõem o jornalismo.

Rose Dutra, profissional da área de assessoria de comunicação, considera outro ponto-chave da formação acadêmica, e também, o risco da prática jornalística sem o preparo apropriado. “Um profissional não-graduado pode não possuir conhecimento das técnicas inerentes e, principalmente, no caso do jornalista, quem não faz a faculdade, não aprende previamente os preceitos, como a ética na profissão. Esta é uma parte muito importante. Sem ética o jornalista tende a comprometer a sua credibilidade e a do veículo que representa”, relata a jornalista.

Além da formação teórica e prática, coexiste também o foco empreendedor e o relacionamento direto com os professores - profissionais que, além da academia, também atuam nos meios de comunicação e assessorias. Raphael Rios de Oliveira, graduado em dezembro de 2008, já trabalha em seu próprio negócio. “A faculdade nos deu, falo por mim e pelo meu sócio Jorge Mourão, toda a base necessária para que abríssemos o jornal *Diário de Araxá*. Os professores acreditaram no nosso projeto na área de jornalismo *online* e realizaram uma verdadeira assessoria” esclarece.

Ex-alunos, atuais professores

Thiago Borges
4º período de Jornalismo

Há exatamente 52 anos, o município preparava sua primeira turma de jornalistas. Hoje, o curso de Comunicação Social da Uniube conta com 24 professores, sendo 50% ex-alunos da instituição. André Azevedo da Fonseca, doutorando na Unesp, ocupa o cargo de diretor do curso.

No início de agosto, a jornalista Cíntia Cunha completou sete anos como professora. "Tenho a oportunidade de dividir meus conhecimentos acumulados em anos de Jornalismo”, afirma Cíntia, que é pós-graduada e mestre em Comunicação.

Não basta sonhar, é preciso dedicar-se. A coordenadora Pedagógica da pró-Reitoria de Ensino Superior da Uniube, Maria Soledade Gomes Borges, explica que a banca para contratação de professores é composta pelo diretor do curso, assistente pedagógica, um professor e um representante da pró-Reitoria. Além do domínio do conteúdo, o candidato à vaga precisa comunicar-se bem. Outros critérios observados são domínio da linguagem culta, exposição com clareza de ideias e capacidade de utilização dos recursos audiovisuais. Além, é claro, de uma sólida formação acadêmica.

“É um grande prazer para a Universidade ver ex-alunos exercendo a docência onde eles estudaram, mostrando mais do que conteúdo, passando segurança para os novos alunos. Aqui se formam grandes profissionais”, afirma Soledade.

Em defesa dos graduados

"Como jornalista, acredito que a graduação é de extrema importância. A respeitabilidade que um jornalista graduado conquista é muito maior. No mercado, esta diferença é uma espécie de 'seleção natural' para aqueles que objetivam as melhores vagas. Se pudesse quantificar, diria que 80% do profissional que sou vem do embasamento teórico e prático que a faculdade oferece. Os outros 20%, são do comprometimento e esforço, por um lugar no mercado. E além de tudo isso, existe a vida acadêmica em si. A oportunidade de conviver com profissionais e pessoas de todos os perfis, nos enriquece como seres humanos e, por consequência, como futuros profissionais. Na faculdade de comunicação, o que nos destaca é a criatividade. Nossa turma criava eventos, fazia teatro. Tivemos a oportunidade de acompanhar a adaptação do curso para a mídia digital. Fomos pioneiros no *Jornal Revelação* e no *Festival do Minuto*. Hoje, é impossível imaginar a minha atuação em assessoria de comunicação, sem as disciplinas que abordam a ética, a psicologia social, dentre tantas outras"

Denis Silva é assessor de Comunicação da Câmara Municipal de Uberaba

Foto/Arquivo CMU

issuu-downloader.com

Pratas da casa

Mariaurea Machado
4º período de Jornalismo

Mais de 40 prêmios nacionais e regionais conquistados pelos alunos de Jornalismo da Uniube (Universidade de Uberaba), desde 2000.

São protagonistas de concursos como o evento Expocom (Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação), promovido pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Considerada a mais importante premiação universit·ria do Brasil, tem por finalidade apresentar trabalhos experimentais desenvolvidos em sala de aula em todas as habilitações da Comunicação Social, sob orientação de professores.

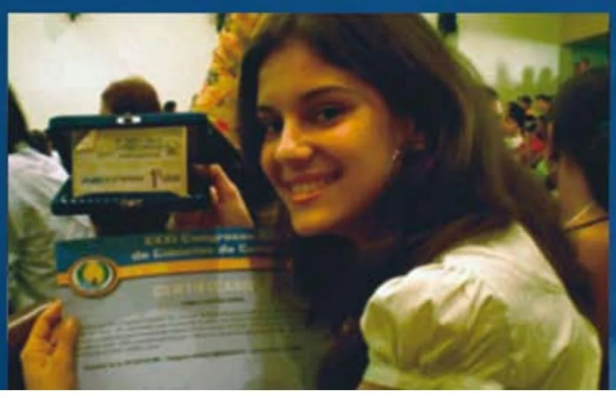
A professora de Comunicação da Uniube, Blueth Sabrina, já acompanhou vários alunos. "Conquistar um prêmio é muito importante para o processo de ensino-aprendizagem. Estimula, faz bem para o aluno".

Camila Cantóia Dorna, do 7º período de Jornalismo, foi a derradeira aluna a vencer, com o Projeto Webfólio. É um instrumento virtual de aprendizagem e de avaliação continuada, que incentiva e organiza a criação de blogs pessoais. Um ambiente onde os alunos são levados a prosseguir a discussão iniciada em sala de aula. A estudante venceu na categoria Áreas Emergentes, modalidade Digital, o Expocom Nacional. Para participar do Expocom Nacional é preciso ficar entre os finalistas da Expocom Regional.

no caso de Camila, Expocom Sudeste. Ela conta que não estava confiante e voltou para casa antes mesmo da divulgação do resultado. Logo que chegou a Uberaba deparou-se com a boa notícia. Já era hora de embarcar para a etapa nacional, em Natal/RN. "Preparei-me bastante, detalhei tudo sobre o projeto para a apresentação e conquistei o melhor resultado", comemora Camila.

Em 2005, Júlio César Prado, então ainda acadêmico de Comunicação Social da Uniube, foi o único mineiro entre os 12 finalistas do prêmio Jornalistas do Amanhã, um concurso de vídeo-reportagem promovido pela rede internacional CNN. Seu tema foi Pesquisa e Preservação do Meio Ambiente: a Saúde da Terra Brasileira. "Cientistas procuravam o último exemplar de uma árvore rara. Encontrar esse exemplar seria a salvação da espécie. Saí para gravar a reportagem e quando cheguei à faculdade, fui encorajado a inscrever a matéria", diz Júlio. Ele conquistou o segundo lugar entre centenas de participantes. "No dia da premiação estavam vários jornalistas importantes, inclusive o presidente da CNN En Espanhol. Até hoje, as pessoas perguntam sobre o prêmio".

Mariângela Terra Branco Camargos, jornalista formada pela Uniube, foi adestaque no ano de 2000, na 3ª Edição do GP Ayrton Senna de Jornalismo, categoria Estudantes de Comunicação. Obteve também Menção honrosa na Expocom.



Entre os melhores do Brasil

Ano 2000
• Prêmio TOP Educacional Professor Mário Palmério • Menção Honrosa: Jornal-laboratório Revelação e a humanização da narrativa jornalística
• Menção Honrosa, modalidade Livro-Reportagem - Prêmio Ayrton Senna • Mariângela Camargos
• Menção Honrosa, modalidade livro-reportagem - VII Expocom • Mônica Cussi

Ano 2001• VIII Expocom
• 1º lugar, modalidade vídeo-minuto • Wagner Fonseca
• Menção Honrosa, modalidade livro-reportagem • Larissa Vieira

Ano 2002 • IX Expocom
• Menção Especial, Prêmio Estímulo à Cidadania • André Azevedo
• 2º lugar, modalidade Vídeo Científico • Cícera Gonçalves e equipe
• 3º lugar, modalidade Educativo • Renata Thomazzini e equipe
• Menção Especial, modalidade Vídeo Educativo • Ticiano Dagrava e equipe
• 3º lugar, modalidade Telejornal • Telejornal Focus • Ricardo Bavaresco
SET Universitário - Famecos/PUC-RS
• 1º lugar, categorias Crônica e Artigo • André Azevedo

Ano 2003 • X Expocom
• 3º lugar, modalidade História em Quadrinhos • André Azevedo
• Menção Especial, modalidade Vídeo Educativo • Daniela Teixeira
• Menção Especial, categoria Ensaio Fotográfico • Leonardo Boloni
• 1º lugar, modalidade Científico • Renata Thomazzini
SET Universitário - Famecos/PUC-RS
• 1º lugar, categorias Crônica e Artigo • André Azevedo

Ano 2004 • XI Expocom
• 1º lugar, modalidade Cidadania • Wagner Fonseca
• 3º lugar, modalidade Vídeo-Minuto • Tiago Caetano Martins
• Menção Especial, modalidade Vídeo-Minuto • Luís Felipe Pimenta Rodrigues
• 1º lugar Prêmio Escritor Universitário Alceu Amoroso Lima - ABL/CIEE • André Azevedo
• 3º lugar Concurso Literário de Poesias e Crônicas, Faculdade Maria Augusta (FMA) e Fundação Cultural de Jacarehy (SP) • André Azevedo

Ano 2005 • XII Expocom
• 1º lugar, modalidades Cinema e Vídeo e 2º lugar, modalidade Vídeo-Minuto • Diego de Morais Batista
• 2º lugar - Jornalistas do Amanhã – CNN • Júlio Cesar Prado

Ano 2006 • XIII Expocom
• 1º lugar, modalidade Científico • Luis Felipe Silva
• 3º lugar, modalidade Desenho Animado • Johny Daniel Silva
• Menção Honrosa, modalidade Revista Digital • Aline Veloso Mendes
• Terceiro lugar, modalidade Vídeo-Reportagem • Mário Sergio Silva dos Santos

Ano 2006 • III Expocom Sudeste
• Menção Honrosa, modalidade Cinema e Vídeo • Diego de Morais Batista

Ano 2007 • Expocom Sudeste
• 2º lugar, modalidade Vídeo Científico • Mário Sergio Silva dos Santos, Cesar Antônio Pereira Mateus, Diego Pereira Aragão
• 1º lugar, modalidade Vídeo-Minuto • Laura Facury Tabosa Moraes, Luis Felipe Pimenta Rodrigues
• 1º lugar, modalidade Vídeo-Reportagem • Rodrigo Antônio Matos, Bruna Belela, Luiz Antônio Costa Junior, Soraya Borges de Mello
• 2º lugar, modalidade Vinheta de TV • Marília Rodrigues Araújo • Equipe técnica: Renê Vieira
• 1º lugar, modalidade Caricatura • José Adolfo da Silva Júnior
• 1º lugar, modalidade Charge • Lula e Bush em Brockeback Montain • Rogério Maruno Mesquita
XIV Expocom
• 2º lugar, Modalidade CIVI/06 Vídeo-Minuto • Luís Felipe Rodrigues Pimenta, Laura Facury Tabosa de Moraes
• 1º lugar, Modalidade PEC/05 Caricatura José Adolfo da Silva Júnior
• 2º lugar, modalidade PEC/07 Charge • Rogério Maruno Mesquita
• 1º lugar, Modalidade JOR/13 Vídeo-Reportagem • Rodrigo Antônio Matos, Bruna Belela, Luiz Antônio Costa Junior, Soraya Borges de Mello

Ano 2008 • Expocom Sudeste
• 1º lugar, modalidade Digital • Camila Cantóia Dorna

Ano 2009 • Expocom Sudestie
• 1º lugar, modalidade Fotonovela • Renato Albuquerque Vieira
• Expocom Nacional • 2º lugar, modalidade Fotonovela • Renato Albuquerque Vieira

issuu-downloader.com